

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O papel das Incubadoras de Empresas na criação de
emprego e renda no Brasil: 2000-2005**

ROBERTA ALVES ARAUJO

Matrícula nº: 102020293

ORIENTADORA: Profª. Lia Hasenclever

JANEIRO 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O papel das Incubadoras de Empresas na criação de
emprego e renda no Brasil: 2000-2005**

ROBERTA ALVES ARAUJO

Matrícula nº: 102020293

ORIENTADORA: Prof^ª. Lia Hasenclever

JANEIRO 2009

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade da autora.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo detalhar a contribuição das Incubadoras de empresas para a economia brasileira, através da geração de emprego e renda.

O estudo foi viabilizado através de pesquisas obtidas junto a conceituadas instituições que dão suporte ao setor, como o SEBRAE, a ANPROTEC e o IBGE. Ao consultar essas instituições, foi possível levantar informações suficientes para estabelecer uma análise detalhada da colaboração das Incubadoras de empresas para o crescimento do país.

Essa análise contempla um diagnóstico estratificado da contribuição das Incubadoras de acordo com a renda gerada, o índice de criação de empregos, além da evolução da quantidade de Incubadoras por região e seus diferentes tipos.

Como principal referência foram estudadas publicações de distintos autores, tais como Edson Gonçalves Pereira e Tânia Gonçalves Pereira, Conceição Vendovello e Robert Meeder, dentre outros, por apresentarem argumentos mais concisos e eloqüentes.

Como resultado é possível perceber a importância das Incubadoras no desenvolvimento das economias locais e a contribuição das mesmas para o desenvolvimento e crescimento sócio-econômico do país.

SÍMBOLOS, ABREVIATURAS, SIGLAS E CONVENCÕES

ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas

CEMPRE – Cadastro Central de Empresas

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COPPE – Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (hoje chamada de Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação em Engenharia)

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MPEs – Micro e Pequenas Empresas

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SELIC – Sistema Especial de Liquidação e Custódia

STAKEHOLDERS – Parte interessada ou interveniente

UNIDO - United Nations Industrial Development Organization

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I: CONCEITOS E EVOLUÇÃO DAS INCUBADORAS DE EMPRESAS NO BRASIL.	
I.1. CONCEITO DE INCUBADORAS DE EMPRESAS.....	09
<i>I.1.1 Fatores condicionantes à mortalidade das empresas e o estímulo à sobrevivência</i>	<i>11</i>
I.2. ANÁLISE HISTÓRICA DAS INCUBADORAS DE EMPRESAS E SUA EVOLUÇÃO NO BRASIL.....	12
I.3. OS DIVERSOS TIPOS DE INCUBADORA.....	14
<i>I.3.1 Incubadora de empresas de base tecnológica.....</i>	<i>16</i>
<i>I.3.2: Incubadora de empresas de setores tradicionais.....</i>	<i>17</i>
<i>I.3.3: Incubadora mista.....</i>	<i>17</i>
I.4. PROCESSO DE INCUBAÇÃO, PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO.....	17
<i>I.4.1: Fases do processo de incubação.....</i>	<i>17</i>
<i>I.4.2: Principais vantagens e obstáculos no planejamento e implantação de Incubadoras</i>	<i>20</i>
<i>I.4.2.1: Vantagens de se implantar uma Incubadora.....</i>	<i>21</i>
<i>I.4.2.2: Processo de planejamento e implantação de uma Incubadora.....</i>	<i>23</i>
<i>I.4.2.2.1: Estudo de Viabilidade Técnica e Econômica - EVTE</i>	<i>24</i>
CAPÍTULO II: ANÁLISE E CONFRONTO DE DADOS – ESTATÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO EMPREGO E RENDA NO BRASIL	
II.1.PANORAMA ANPROTEC (2000 – 2005).....	27
II.2. CADASTRO CENTRAL DE EMPRESAS.....	28
II.3. ANÁLISE E CONFRONTO DE DADOS.....	29
<i>II.3.1: Número de empresas.....</i>	<i>29</i>
<i>II.3.2:Demografia das empresas.....</i>	<i>31</i>
<i>II.3.3:Emprego e Renda.....</i>	<i>33</i>

CONCLUSÃO..... 45

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 47

INTRODUÇÃO

As Incubadoras são organizações que propiciam um ambiente favorável ao surgimento e desenvolvimento de novos empreendimentos, oferecendo toda a infraestrutura necessária para o crescimento sustentado ao longo do tempo de incubação.

O objetivo das Incubadoras é estimular a competitividade e novas oportunidades, desenvolvendo empreendedores e suas empresas, para que possam gerar tecnologia de ponta, emprego, renda e infra-estrutura, favorecendo os indicadores sócio-econômicos da região local e do país.

De acordo com o modelo das Incubadoras, os empreendedores permanecem incubados por um período de tempo (este período varia de acordo com o desempenho de cada empresa e por Incubadora), dando sustentabilidade ao negócio, até que estejam aptos a ingressarem no mercado.

As Micro e Pequenas Empresas no ano de 2005 foram responsáveis por 40,7% do total de empregos gerados no país e 39% do total no Rio de Janeiro (SEBRAE).

Um dos argumentos que respalda a utilização das Incubadoras como fomento ao surgimento de novos negócios é a redução da taxa de mortalidade das empresas incubadas. Segundo o SEBRAE, estatísticas de Incubadoras européias e americanas apontam que a taxa de mortalidade das empresas que passam pelo processo de incubação é reduzido em cerca de 20%. No Brasil, a mortalidade das empresas nascidas fora do processo de incubação chega a aproximadamente 80% antes de completarem o primeiro ano de funcionamento.

Esta monografia tem como objetivo proporcionar uma análise das atividades desenvolvidas dentro das Incubadoras de empresas, apresentar os fatores necessários para a construção de um ambiente de incubação, além de identificar sua contribuição para a sociedade e para a economia.

Este estudo será viabilizado a partir da análise de diversas fontes de dados, dentre estas o SEBRAE, a ANPROTEC, o IBGE e diversos autores estudados. A

análise dos dados possibilitará a realização de comparações, além de permitir o acompanhamento do quadro evolutivo das atividades deste setor, com foco no nível de renda e no número de postos de trabalho gerados.

Além da introdução, este trabalho está organizado em dois capítulos.

No capítulo 1 serão apresentados alguns conceitos ligados às Incubadoras e o contexto de surgimento de suas atividades. Para isso, discute-se a evolução histórica e os objetivos das mesmas. Os diversos tipos de incubação (Incubadoras tecnológica, tradicional e mista) e as vantagens de cada um são relatados, assim como a descrição de todo o processo de incubação.

Ainda no capítulo 1 há uma apresentação dos motivos e as principais vantagens de se implantar uma Incubadora, o papel e os benefícios gerados por cada grupo (Governo, parceiros, comunidade local e empreendedores). Para estabelecer essa abordagem, as principais obras consultadas foram Pereira e Pereira (2002) e Meeder (1993), que tratam do planejamento e das necessidades para a implantação de Incubadoras, além de identificar as razões e apontar os elementos necessários para se realizar um estudo de viabilidade.

O Capítulo 2 é composto pela etapa analítica do trabalho, tendo como base as estatísticas apresentadas no Panorama ANPROTEC 2000-2005 (ANPROTEC) e dados divulgados nos relatórios do CEMPRE (2001-2005), confrontados entre si e comparados com a conjuntura econômica brasileira. A pesquisa propicia a análise dos indicadores propostos no trabalho, isto é, emprego e renda, com o objetivo de verificar a evolução dos mesmos e a contribuição destes no desenvolvimento e crescimento das incubadoras.

Por fim, será apresentada uma conclusão, baseada nas análises de todas as informações levantadas e comparadas com a conjuntura econômica e social do país, no mesmo período estudado.

CAPÍTULO I: CONCEITOS E EVOLUÇÃO DAS INCUBADORAS DE EMPRESAS NO BRASIL

Objetiva-se com este capítulo descrever os principais conceitos relativos às Incubadoras de Empresas no cenário econômico e social do país e posterior evolução no Brasil. Os diversos tipos de incubação, assim como todo seu processo, são relatados e analisados a seguir.

I.1: Conceito de Incubadoras de Empresas

As Incubadoras de Empresas são consideradas mecanismos de apoio ao desenvolvimento e consolidação das micro e pequenas empresas. São entidades promotoras do desenvolvimento econômico e social, pois estimulam a criação de empresas inovadoras.

Segundo os autores PEREIRA e PEREIRA (2002), pode-se definir Incubadora como:

“Processo de apoio ao desenvolvimento de pequenos empreendimentos ou empresas nascentes e promoção de condições específicas, por meio do qual empreendedores podem desfrutar de instalações físicas, de ambiente institucional e de suporte técnico e gerencial no início e durante as etapas de desenvolvimento do negócio” (PEREIRA e PEREIRA, 2002. pp. 31).

A percepção destes autores sobre o que é uma Incubadora de empresas é muito próxima da maioria dos outros autores pesquisados, entretanto, os argumentos de Pereira e Pereira foram utilizados por serem mais claros e concisos possíveis.

Para a UNIDO (UNITED NATIONS INDUSTRIAL DEVELOPMENT ORGANIZATION, 2008), assim como definem Pereira e Pereira, uma Incubadora de empresas é um empreendimento capaz de apoiar novos empreendedores, principalmente os recentemente estabelecidos e os vinculados às pequenas e médias empresas, em todas as fases do negócio. Além disso, a ANPROTEC considera as Incubadoras como “um

ambiente flexível e encorajador onde é oferecida uma série de facilidades para o surgimento e crescimento de novos empreendimentos”.

Já Vedovello (2000, p. 280) salienta as dificuldades em se definir Incubadoras de empresas de uma forma ampla e única, devido ao fato dos modelos em operação apresentarem uma diversidade e heterogeneidade muito grandes. Como exemplo para explicar a situação a autora cita o contexto europeu, em que a diversidade de estratégias observadas no estabelecimento de Incubadoras reflete as diversidades e/ou especificidades nacionais dentro do próprio continente. Essas diferenças podem ser encontradas, por exemplo, nos níveis médios de desenvolvimento tecnológico e empresarial e nas políticas nacionais de apoio às empresas.

A incubação de empresas existe exatamente para que idéias inovadoras e promissoras não sejam desperdiçadas. Ou seja, com a ajuda de uma incubadora de empresas o empresário e/ou empreendedor pode desenvolver suas potencialidades e fazer sua empresa crescer, tornando-a mais produtiva.

A maioria das micro e pequenas empresas enfrenta diversas dificuldades desde o início de sua trajetória até a consolidação no mercado. Elas precisam vencer diversas barreiras como a falta de capital, a inexperiência no mercado e a falta de prática do empreendedor em administrar o negócio. Muitas dessas empresas, antes mesmo de completarem o primeiro ano de vida, transformam-se em sonhos fracassados.

A taxa de mortalidade entre empresas que passam pelo processo de incubação é reduzida a 20%, contra 80% detectado entre empresas nascidas fora do ambiente de incubação no primeiro ano de funcionamento. (SEBRAE, 2005)

As Incubadoras de empresas têm também uma função muito importante na economia, pois através da transferência da tecnologia, do conhecimento e de inovação criam e modernizam as empresas locais. Além de ser uma alternativa para combater o desemprego e a defasagem tecnológica, também é uma forma de colaborar com a implementação de uma cultura empreendedora.

Dentre os objetivos das Incubadoras em operação no Brasil (que não diferem daqueles em operação em outros países), podem-se listar: estimular as atividades de empreendedorismo, promover o desenvolvimento regional, promover o desenvolvimento tecnológico, diversificar as economias regionais, promover a geração de empregos, lucros. As Incubadoras ainda oferecem infra-estrutura, apoio técnico, administrativo e de serviços tais como cursos de capacitação gerencial, assessorias, consultorias, orientação na elaboração de projetos a instituições de fomento, serviços administrativos, acessos a informações etc.

Segundo o SEBRAE, os benefícios decorrentes do processo de incubação são os mais variados possíveis, dentre eles: espaço físico individualizado (instalação de escritórios e laboratórios de cada empresa admitida), espaço físico para uso compartilhado (sala de reunião, auditórios, área para demonstração dos produtos das empresas incubadas, secretaria e instalações laboratoriais, bibliotecas), consultorias e assessorias em gestão empresarial, gestão tecnológica, comercialização de produtos e serviços, contabilidade, marketing, assistência jurídica, captação de recursos, contratos com financiadores, engenharia de produção e propriedade intelectual, entre outros. Além do mais, cursos de capacitação e treinamento dos empreendedores nos principais aspectos da gestão empresarial e tecnológica e acesso a laboratórios especializados nas universidades e instituições que desenvolvam atividades tecnológicas, também são oferecidos.

I.1.1: Fatores condicionantes à mortalidade das empresas e o estímulo à sobrevivência

Segundo recente estudo realizado pelo SEBRAE (2007) nos 26 estados e na capital federal, há uma perceptível evolução nas taxas de sobrevivência das pequenas empresas. Essa longevidade pode estar ligada ao aumento e melhora da orientação empresarial, principalmente nas áreas de gestão corporativa, financeira e de recursos humanos.

Ainda segundo a pesquisa, há dois fatores principais e determinantes para a sobrevivência das empresas. O primeiro é a conjuntura econômica, a saber: a redução e o controle da inflação, a diminuição das taxas de juros, o aumento do crédito para as

peças físicas e o aumento do consumo, especialmente nas classes mais baixas. O segundo fator está relacionado à melhora da qualidade de vida empresarial, isto é, ao aumento da qualificação dos empresários.

Com relação à mortalidade das empresas, a principal causa, de acordo com o SEBRAE, é a carga tributária elevada. Para empresários de empresas ativas, as políticas públicas e os requisitos legais são empecilhos no gerenciamento das empresas, seguido de causas conjunturais e econômicas. Para os empresários de empresas extintas, a principal razão para a falência da empresa são as falhas gerenciais: local inadequado, falta de conhecimentos gerenciais e desconhecimento do mercado. As causas econômicas também são apontadas.

A taxa de sobrevivência das empresas, no ano de 2005, alcançou o índice de 78% quando medida no segundo ano de vida das pequenas empresas brasileiras. As estatísticas pesquisadas no período de 2000 a 2002 mostram a taxa de sobrevivência de alguns países: Austrália com 86%, Cingapura com 75%, Estados Unidos com 74%, Portugal com 72%, Itália com 72% e Finlândia com 71%. De acordo com o estudo, esses mesmos países registravam, na metade da década passada, percentuais entre 50% e 65%. Portanto, a evolução observada na taxa de sobrevivência das pequenas empresas no Brasil passou de 51% no ano de 2002 para 78% no ano de 2005, seguindo as tendências observadas em outros países num período subsequente.¹

I.2: Análise histórica das Incubadoras de empresas e sua evolução no Brasil

Em 1959 no estado de Nova Iorque (EUA), uma das fábricas da Massey Ferguson fechou, deixando um significativo número de residentes nova-iorquinos desempregados. Joseph Mancuso, comprador das instalações da fábrica, resolveu sublocar o espaço para pequenas empresas iniciantes, que compartilhavam equipamentos e serviços.

Além da infra-estrutura física das instalações, Mancuso adicionou ao modelo um conjunto de serviços que poderiam ser compartilhados pelas empresas ali instaladas,

¹ Relatório divulgado pelo SEBRAE em Agosto/2007: “*Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil*”.

como secretaria, contabilidade, vendas, marketing e outros que reduziam os custos operacionais das empresas e aumentava a competitividade. Uma das primeiras empresas instaladas na área foi um aviário, o que conferiu ao prédio a designação de “incubadora” (REDE INCUBAR, 2006). No Brasil, os empreendimentos pioneiros na área foram implantados em 1980. Há divergências quanto à época de instalação da primeira Incubadora. Caulliraux (2001), por exemplo, indica 1988. Em realidade, o marco inicial do movimento de incubadoras no país é anterior (SEBRAE, 2001).

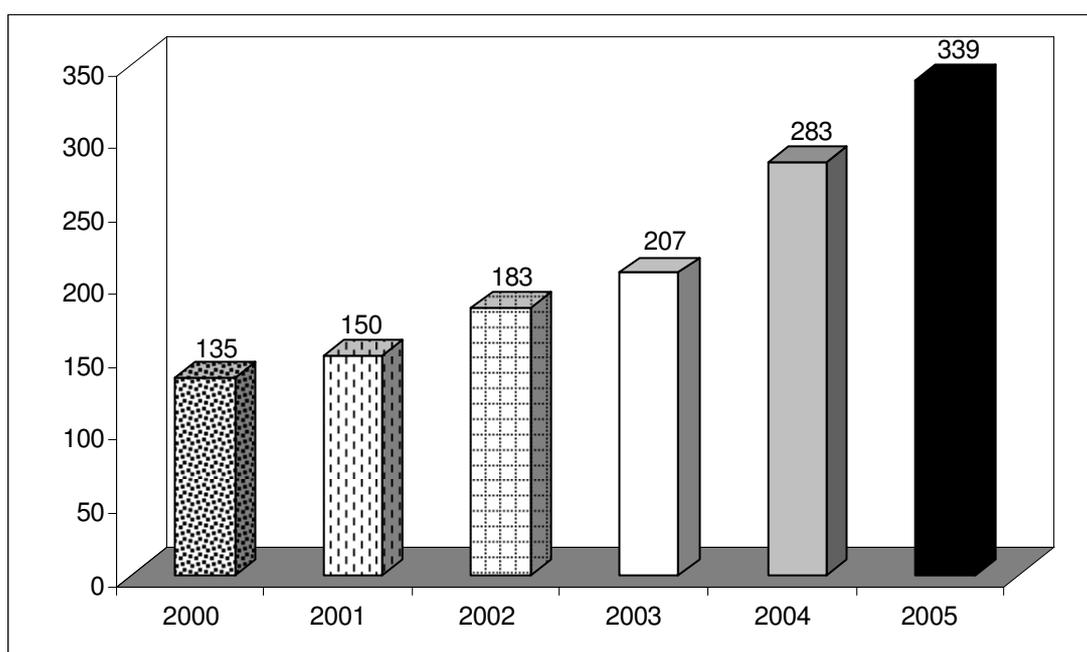
O movimento teve início em 1984 com a criação de cinco fundações tecnológicas: Campina Grande (PB), Manaus (AM), São Carlos (SP), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS), com a finalidade de promover a transferência de tecnologia das universidades para o setor produtivo. A primeira Incubadora a funcionar na América Latina foi a Incubadora da Fundação Parqtec – São Carlos, inaugurada em dezembro de 1984, com quatro empresas instaladas.

Apesar da inauguração das primeiras Incubadoras brasileiras, elas somente se consolidaram como meio de incentivo para atividades e produção tecnológica, a partir da realização do Seminário Internacional de Parques tecnológicos, em 1987, no Rio de Janeiro. Este seminário foi realizado pelo NIT – Núcleo de Inovação Tecnológica da COPPE/UFRJ e teve como objetivo discutir as experiências de Parques Tecnológicos no Brasil, Argentina, Colômbia, México e Uruguai. Nesse mesmo ano, surgia Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (ANPROTEC), que passou a representar não só as Incubadoras de empresas, mas todo e qualquer empreendimento que utilizasse o processo de incubação para gerar inovação no Brasil. Sua missão é representar e defender os interesses das entidades associadas, promover a utilização de Incubadoras, Pólos e Parques Tecnológicos como instrumentos de desenvolvimento regional e nacional e apoiar a criação de empresas baseadas no conhecimento (REDE INCUBAR, 2006; ANPROTEC, 2005)

Desde então, a expansão das Incubadoras de empresas vem ocorrendo a taxas expressivas, o que evidencia uma notável visibilidade do movimento no país, como poderá ser observado no gráfico 1.

Em 2005, o número de Incubadoras em efetiva operação no Brasil era de 339. Fazendo uma análise histórica, pode-se observar um aumento de aproximadamente 20% em relação a 2004 e um aumento de mais de 50 % quando comparado ao ano 2000. Como observado, nos últimos anos as Incubadoras de Empresas no Brasil mantêm um forte ritmo de crescimento.

Gráfico 1: Número de Incubadoras em operação



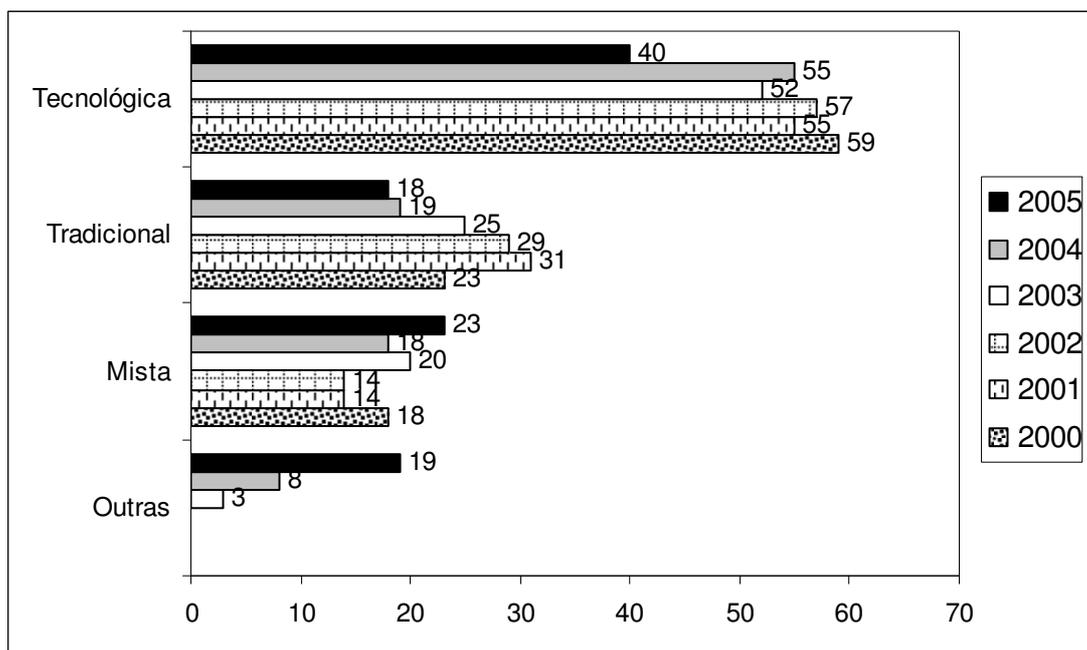
Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

I.3: Os diversos tipos de Incubadora

Identificam-se nas bibliografias estudadas três tipos de Incubadoras: tecnológicas (que abrigam somente empresas de base tecnológica, estimulando parcerias com universidades e centros de pesquisas), tradicionais (não têm como prioridade o estabelecimento de vínculos com universidades e centros de pesquisa) e mistas (não possuem restrições quanto ao tipo de empresa a ser incubada).

Para o período 2000/2005, segundo o gráfico 2, observa-se uma queda acentuada nas Incubadoras tecnológicas, uma pequena queda em relação às tradicionais e um aumento em relação às Incubadoras mistas.

Gráfico 2: Tipo de atuação das Incubadoras



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

A grande maioria das Incubadoras é de base Tecnológica, representando 40% do total em 2005. Entretanto, quando comparadas ao ano 2000, observa-se uma redução das Incubadoras de base Tecnológica para 32%, em função da existência de outros tipos de Incubadoras (Exemplo: Cultural, Social, Agroindustrial...), representando 19% em 2005. Em 2004, as Incubadoras classificadas como Tecnológica, Tradicional ou Mista representavam 92% do total e em 2005 esse tipo de classificação foi reduzido a 81% do total.

O quadro 1 destaca a definição e as vantagens de cada tipo e alguns exemplos.

Quadro 1 - Tipos de Incubação

TIPOS DE INCUBAÇÃO	DEFINIÇÃO	VANTAGENS	EXEMPLO
TECNOLÓGICA	Atua na geração de empresas cujos produtos, processos ou serviços são gerados a partir de resultados de pesquisas aplicadas, inovação, no qual a tecnologia representa alto valor agregado.	Estimula parcerias com universidades e centros de pesquisa; Pesquisas científicas;	CELTA/UFSC GÊNESIS/PUC-RJ COPPE/UFRJ
TRADICIONAL	Incubadora que abriga empresas de setores da economia não ligados àqueles de base tecnológica, que trabalham com tecnologia social.	Desenvolvimento de projetos sociais, com apoio à criação de emprego e renda (Incubadora Social); Melhoria das condições de vida das comunidades carentes; Desenvolvimento de empreendimentos culturais, que visam promover o processo de empresariamento de produtos e serviços culturais (Incubadora Cultural).	INCUBADORA RIO CLARO INCUBADORA TRADICIONAL DE SÃO CARLOS
MISTA	Não possui restrição quanto ao setor de atividade das empresas, isto é, pode ser de base tecnológica ou social.	As vantagens são múltiplas: incorpora as vantagens das incubadoras tecnológica e tradicional.	CIETEC/USP

Fonte: Lahorgue (2004) e Pereira e Pereira (2002)

I.3.1: Incubadora de empresas de base tecnológica

O conhecimento tecnológico dos centros de pesquisa constitui a base insubstituível desse modelo.

“Organização que abriga empresas cujos produtos, processos ou serviços resultam de pesquisa científica, para os quais a tecnologia representa alto valor agregado. Abriga empreendimentos nas áreas de informática, biotecnologia, química fina, mecânica de precisão e novos materiais. Distingue-se da Incubadora de empresas de setores tradicionais por abrigar exclusivamente empreendimentos oriundos de pesquisa científica” (PEREIRA e PEREIRA, 2002. pp. 29/30).

I.3.2: Incubadora de empresas de setores tradicionais

A definição do conceito de Incubadora de empresas de setores tradicionais é unânime para os autores Pereira e Pereira (2002) e Lahorgue (2004), que atestam que a incubadora do tipo tradicional se define como uma organização que abriga empreendimentos ligados aos setores da economia que detém tecnologias largamente difundidas e que queiram agregar valor aos seus produtos, processos ou serviços, por meio de um incremento em seu nível tecnológico. Estes empreendimentos devem estar comprometidos com a absorção e o desenvolvimento de novas tecnologias.

I.3.3: Incubadora mista

É a organização que abriga ao mesmo tempo empresas dos dois tipos acima descritos: base tecnológica e setores tradicionais. Além disso, este tipo de incubadora apóia também empresas dos setores culturais, artesanato, cooperativas, agronegócios, entre outras.

I.4: Processo de Incubação, planejamento e implementação

Tão importante quanto o planejamento, a implementação também se destaca como uma etapa fundamental no processo de incubação, já que ambos são determinantes para o desenvolvimento das atividades da empresa.

I.4.1: Fases do processo de incubação

Em termos gerais, o processo de incubação é descrito por uma rede de estágios e de transição de eventos que uma nova empresa ou projeto de empresa deverá seguir desde o seu nascimento até sua saída da Incubadora. Na maioria dos casos, o processo de incubação também inclui as tarefas e eventos usados para estimular a criação de novos negócios e um estágio final de pós-incubação.

No que tange o processo de incubação, observa-se a divisão do mesmo pela maioria dos autores em modalidades: empresa pré-incubada (que não é uma regra na

maioria das Incubadoras), empresa incubada, processo de pós-incubação, empresa graduada e empresa associada.

Quadro 2 - Processo de Incubação

ETAPAS	DEFINIÇÃO	OBJETIVO	VANTAGENS	PERÍODO
Pré-Incubação	Conjunto de atividades que visa estimular o empreendedorismo e preparar os projetos que tenham potencial de negócios em empresas.	Preparar os empreendimentos para ingresso na incubadora	Desenvolvimento do Plano de Negócios; Pesquisa de mercado; Preparação dos empreendedores para a gestão do negócio (Capacitação)	Curto período: varia de 6 meses a 1 ano
Incubação	Processo de apoio ao desenvolvimento de pequenos empreendimentos ou empresas nascentes e promoção de condições específicas.	Desenvolver produtos ou serviços inovadores.	Utilização das instalações físicas, de ambiente institucional e de suporte técnico e gerencial no início e durante as etapas de desenvolvimento do negócio.	Varia com a Incubadora - 2 a 4 anos
Pós-Incubação	Ampliação do processo de Incubação e se dá quando a empresa não se sente preparada para enfrentar o mercado.	Reduzir as dificuldades das empresas ao fim do Processo de Incubação.	Estudar as deficiências das empresas ao fim do Processo de Incubação; Tornar o produto ou serviço da empresa mais competitivo.	Prolongamento do contrato de Incubação por até 1 ano.
Graduação	Organização de empresas que passam pelo processo de Incubação e se tornam aptas a competirem no mercado.	Competitividade da empresa no mercado.	Empresa está apta a lançar seu produto ou serviço no mercado.	Não especificado
Associação	Empreendimento incubado à distância.	Orientação para a resolução de dúvidas e problemas após a entrada no mercado	Utiliza os serviços oferecidos por uma Incubadora.	Não especificado

Fonte: Pereira e Pereira (2002) e SEBRAE (2005)

Muitas Incubadoras possuem um processo de pré-incubação, seja oferecendo cursos de empreendedorismo ou ministrando oficinas. Esta fase tem um período de

tempo determinado, e prepara as empresas com informações para seu funcionamento, como fazer um plano de negócios, o estudo das oportunidades onde há uma sistematização do empreendimento e a preparação para as empresas entrarem na Incubadora. Esta etapa tem como um de seus objetivos minimizar apostas erradas, pois a capacitação empresarial, a execução do plano de negócios e a pesquisa de mercado dão maior suporte para o empreendedor. Além do mais, é uma oportunidade para jovens conseguirem o primeiro emprego e evita que aqueles que não têm capacidade de ser empreendedor percam tempo, uma vez que estudaram e não se identificaram com o negócio.

“O empreendedor poderá finalizar sua idéia (considerando que muitas não têm projetos, mas idéias), utilizando todos os serviços da Incubadora/Hotel de Projetos, para definição do empreendimento, estudo da viabilidade técnica, econômica e financeira ou elaboração do protótipo/processo necessários para o efetivo início do negócio” (PEREIRA e PEREIRA, 2002).

O processo de incubação propriamente dito também é chamado de residência, pois as empresas incubadas, ademais de receberem orientações sobre a gestão de negócios, se beneficiam das instalações físicas das Incubadoras.

De maneira geral, empresa incubada é a organização que desenvolve produtos ou serviços inovadores, está abrigada em Incubadora de Empresas, passa por processo de seleção e recebe apoio técnico, gerencial e financeiro de rede de instituições constituída especialmente para criar e acelerar o desenvolvimento de pequenos negócios.

No que concerne ao processo de pós-incubação, em uma das Incubadoras pesquisadas em Pernambuco pelo IX Seminário Modernização Tecnológica Periférica, considera-se o período em que acabou o contrato de incubação e a empresa incubada por sua vez, não se sente preparada para enfrentar o mercado. Uma avaliação para analisar as condições da empresa é feita e dependendo do resultado, o período de incubação pode ser estendido de comum acordo entre as partes, em até 12 meses.

Para outras Incubadoras esse período só é considerado quando acaba a incubação, a empresa sai da Incubadora e se torna uma empresa graduada ou unidade de negócio, e funciona por sua própria conta e risco.

Entretanto, com relação ao processo de pós-incubação, é necessário observar a real necessidade da empresa incubada que deveria estar graduada. É possível que uma empresa queira continuar incubada não pela necessidade, mas para obter vantagens como a redução de custos. Isso seria um problema, uma vez que esta empresa poderia estar ocupando o lugar de outras empresas, que realmente necessitasse do ambiente de incubação para se desenvolver.

Quando incubadas as empresas muitas vezes passam a utilizar tecnologias e serviços umas das outras, minimizando gastos, trocando experiências científicas e técnicas, otimizando assim idéias e propostas. Isso cria dificuldades no momento da graduação, pois a separação física da empresa gera problemas para a continuidade do crescimento das que saem e enfraquecimento das empresas que ficam.

Para tal entrave surge a idéia da criação de condomínios de empresas graduadas dentro das Incubadoras, de modo que as mesmas fiquem próximas das empresas incubadas e continuem trocando informações e serviços entre si.

Uma empresa graduada pode ser definida como uma organização que passa pelo processo de incubação e que alcança desenvolvimento suficiente para ser habilitada a sair da Incubadora, entrando no mercado. Algumas instituições usam o termo “empresa liberada”. A empresa graduada pode continuar mantendo vínculo com a Incubadora na condição de empresa associada, que é aquela que utiliza a infra-estrutura e os serviços oferecidos pela Incubadora, sem ocupar espaço físico, mantendo vínculo formal. Podem ser empresas recém-criadas ou já existentes no mercado.

I.4.2: Principais vantagens e obstáculos no planejamento e implantação de Incubadoras

As principais razões e motivações para implantação de uma Incubadora de empresas, que resultados são esperados pelo governo, comunidade local, instituições mantenedoras / parceiras e empreendedores são discutidos neste item, assim como o processo de planejamento de uma Incubadora de empresas.

Nos últimos anos, diversos estudos têm focalizado sua atenção nos aspectos relacionados ao impacto econômico regional à implantação de Incubadoras. A geração de novos empregos, a criação de pequenas empresas e a revitalização de economias locais e regionais tem sido analisada.

I.4.2.1: Vantagens de se Implantar uma Incubadora

Como já mencionado, Incubadoras de empresas são programas de assistência às micro e pequenas empresas em fase inicial, com a finalidade de viabilizar projetos, criando novos produtos, processos ou serviços, gerando novas empresas que, após o processo de incubação, estejam aptas a se manter no mercado.

Segundo Pereira e Pereira (2002), a criação de uma Incubadora contribui para o desenvolvimento socioeconômico, na medida em que é capaz de induzir o surgimento de unidades produtivas que geram grande parte da produção industrial e criam oportunidades de emprego no país, a custos bem reduzidos por empregos gerados.

Para alinhar expectativas e evitar frustrações é importante saber como a comunidade vê o programa (de criação da Incubadora) e o que espera dele, quais as expectativas dos stakeholders (governo e instituições privadas) e de que forma a Incubadora que estará sendo criada vai interagir ou integrar-se às políticas regionais de apoio ao desenvolvimento de novos negócios.

De modo geral, as vantagens de se implantar uma Incubadora de empresas são apresentadas no quadro 3, por distintas óticas (governo, comunidade local, instituições mantenedoras / parceiras e empreendedores):

Quadro 3 – Vantagens de se implantar uma Incubadora

GOVERNO	INSTITUIÇÕES MANTENEDORAS / PARCEIROS	COMUNIDADE LOCAL	EMPREENDEDORES
<p>Identificar as reais oportunidades de negócios competitivos e viabilizar sua criação e o desenvolvimento sustentável;</p> <p>Promover e apoiar o desenvolvimento de políticas regionais / locais de inovação, especialmente para MPEs;</p> <p>Promover o desenvolvimento tecnológico do estado;</p> <p>Promover a diversificação da economia regional / local;</p> <p>Gerar emprego e renda;</p> <p>Fortalecer o espírito associativista;</p> <p>Incentivo ao empreendedorismo;</p> <p>Estímulo à exportação e a internacionalização.</p>	<p>Identificação de novos fornecedores e prestadores de serviços assim como ofertante de novos produtos e serviços;</p> <p>Identificação de P&D com viabilidade de comercialização e/ou sua transformação em novos produtos e serviços de alta tecnologia, e com isso, diversificar as fontes de receita;</p> <p>Contribuição para o desenvolvimento rápido de empresas nascentes;</p> <p>Melhor utilização de competência técnica e estrutura ociosa;</p> <p>Oportunidade para formação complementar de alunos;</p> <p>Diminuir a taxa de mortalidade das MPEs.</p>	<p>Incremento no número de novos postos de trabalho e geração de renda;</p> <p>Revitalização da economia local;</p> <p>Implementação de novas redes de negócios.</p>	<p>Assistência para diminuir a distância entre conhecimento teórico e prático;</p> <p>Redução de custos e risco do processo de inovação;</p> <p>Estabelecimento de redes / alianças estratégicas;</p> <p>Facilidades para o acesso rápido ao mercado;</p> <p>Criar cultura de gestão, inovação e planejamento;</p> <p>Incentivar práticas gerenciais para a competitividade;</p> <p>Acesso a equipamentos de elevado investimento em capital fixo e que poderiam inviabilizar o início de um pequeno empreendimento;</p> <p>Redução da taxa de mortalidade.</p>

Fonte: Lahorgue (2004), Pereira e Pereira (2002), SEBRAE (2005)

A Incubadora propicia vantagens para as empresas incubadas, e também para a economia da região, pois produz pesquisa, desenvolvimento e valor agregado. Trata-se de um programa de fomento do desenvolvimento industrial e econômico, impulsionando a geração de microempresas, aumentando as oportunidades de emprego e renda, contribuindo para a atividade econômica do município.

O principal resultado obtido com a implantação de empresas através da Incubadora, é a criação de novos empregos, em sua maioria mais qualificados. Assim, o nível de renda da sociedade eleva-se, melhorando a qualidade de vida.

O acesso às universidades e centros de pesquisa contribui para o desenvolvimento de tecnologias de ponta. Desta forma, a experiência de incubação de empresas produz, como consequência, a modernização dos processos produtivos. No médio e longo prazo, implantar Incubadoras resulta em melhorias contínuas na qualificação dos recursos humanos, processos e no padrão de gerenciamento de empresas, elevando os níveis de qualidade e produtividade.

A taxa de mortalidade elevada nos primeiros anos de vida da empresa se reduz, uma vez que há oferta de infra-estrutura por parte da Incubadora, assim como apoio técnico, administrativo e de serviço.

I.4.2.2: Processo de Planejamento e implantação de uma Incubadora

A coleta de dados e o estudo preliminar de informações sobre a realidade sócio-econômica, cultural, política e empresarial da região onde se pretende implantar a Incubadora e as influências que estes fatores podem exercer sobre a mesma se referem a etapa inicial de preparação do planejamento da Incubadora. Essa pesquisa inicial é importante para definir as estratégias e objetivos gerais da Incubadora.

“O planejamento é a fase que visa estruturar as principais alternativas para uma análise de viabilidade de implementação de uma Incubadora de empresas, proporcionando uma avaliação antes de colocar em prática a idéia, reduzindo assim, as possibilidades de se desperdiçar recursos em um empreendimento inviável.” (PEREIRA e PEREIRA, 2002. pp. 41)

O estudo das condições que necessariamente devem estar presentes no local para a instalação de uma Incubadora é reunido em um documento chamado Estudo de Viabilidade Técnica e Econômica – EVTE.

De acordo com MEEDER (1993), as principais razões para se realizar um estudo de viabilidade são: identificar as instituições que poderão ser parceiras da Incubadora e gerentes mais apropriados para o programa, divulgar e promover a Incubadora, solicitar a maioria dos recursos financeiros de caráter federal, estadual e/ou local, minimizar os riscos (identificar melhores práticas e evitar possíveis erros), catalisar o processo incentivando o envolvimento de recursos locais que possam propiciar infra-estrutura, equipamentos, recursos humanos e financeiros, estimular a criatividade. Segundo um autor desconhecido “estratégia é a fonte de imaginação da criatividade”.

O EVTE ainda deve incluir a elaboração de um plano de negócios que contemple as facilidades de infra-estrutura física e de serviços, esclarecer as pessoas envolvidas no processo de implantação da Incubadora, proporcionar o histórico do processo (o EVTE permite o registro do início e de todas as atividades do projeto, permitindo que os líderes sucessores tenham um referencial do início dos trabalhos).

É importante conhecer programas de incubadoras que tenham obtido sucesso nas comunidades semelhantes à realidade da comunidade na qual o projeto será desenvolvido. Há vários programas com mais de 3 anos de experiência de operação que podem ser adotados como referências. Essas experiências, tanto boas quanto ruins, do desenvolvimento à operação, quando combinadas com a quantidade de informação acumulada que a NBIA (*National Business Incubation Association*) possui de contatos, pesquisa e práticas recomendadas, reduzem significativamente a margem de erro e aumentam a produtividade de tempo despreendido em estudos.

I.4.2.2.1: Estudo de viabilidade técnica e econômica - EVTE

Os principais objetivos do desenvolvimento do EVTE são identificar parceiros, verificar a aceitação da comunidade ao programa e o levantamento das fontes de recursos financeiros.

“...incubadoras precisam de bases sólidas para crescer. Por isso, só devem ser constituídas depois de feito seu plano de viabilidade; e implantadas com a ajuda de um Plano de Negócios bem fundamentado e detalhado” (PEREIRA e PEREIRA, 2002. pp. 43).

Segundo os autores Pereira e Pereira (2002), o EVTE representa um diagnóstico detalhado da realidade social e econômica, política, empresarial e cultural da região onde se pretende instalar uma Incubadora. Estas informações devem servir de base para demonstrar a possibilidade, ou não, da realidade local com os objetivos da Incubadora.

Como já mencionado, o EVTE deve contemplar as informações disponíveis no quadro 4, com as seguintes aberturas:

Quadro 4 – Composição do EVTE

<p>Justificativas para criação da Incubadora</p> <p>Motivos para a implantação Análise da oferta de espaço físico</p> <p>Benefícios esperados</p> <p>Estimativa de custos</p>	<p>Instituições parceiras</p> <p>Perfil e motivação; Atribuições e responsáveis Alocação de recursos econômicos e/ou financeiros pelos parceiros Justificativas para participação</p>
<p>Perfil do setor produtivo, do empresariado e do mercado</p> <p>Vocação econômica da região Perfil das empresas Demandas por serviços, apoios e espaços</p>	<p>Clientela</p> <p>Perfil das empresas interessadas Ações voltadas ao empreendedorismo</p>
<p>Comunidade Local</p> <p>Interesse da Comunidade</p> <p>Engajamento do setor informal Conhecimento da dinâmica do sistema de incubação</p>	<p>Definição da infra-estrutura física da Incubadora</p> <p>Varia com o tipo de empresa a ser incubada (necessário definir o tipo de Incubadora que se pretende instalar e a infra-estrutura que necessitam)</p>

Fonte: Pereira e Pereira (2002)

As instalações físicas são apenas um elemento de um sistema de apoio às empresas. Contudo, a construção ou a reforma das instalações adequadas pode ter um papel importante nas operações diárias da incubadora e seus serviços.

Também é importante destacar no EVTE:

Quadro 5 – Destaques do EVTE

Definição da equipe operacional da Incubadora Definir qualificações pessoais e profissionais que o gerente da incubadora deve ter. Este é considerado a figura principal na alavancagem de instrumento de apoio ao empreendedorismo	Definição da forma jurídica da Incubadora Estatuto da entidade gestora da incubadora Regime interno da Incubadora Contratos de uso para as diversas modalidades de incubação Convênios de parcerias Edital e critérios para seleção de empreendimentos
---	--

Fonte: Pereira e Pereira (2002)

Após a elaboração, consolidação e aprovação final do EVTE inicia-se a implantação propriamente dita da Incubadora, que deverá seguir os seguintes passos:

- Assinatura de Convênios;
- Preparação do espaço físico da Incubadora;
- Divulgação da Incubadora;
- Publicação do edital de seleção das empresas;
- Assinatura de contratos;
- Inauguração da Incubadora.

CAPÍTULO II: ANÁLISE E CONFRONTO DE DADOS – ESTATÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO EMPREGO E RENDA NO BRASIL

Visa-se obter com este capítulo maior conhecimento sobre a importância da Incubadora no cenário econômico e social do país, em nível de emprego e renda, através da análise de dados do período de 2000 a 2005.

II.1. Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Desde 1996, a ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores) realiza anualmente uma pesquisa em parceria com o SEBRAE com o objetivo de verificar estatisticamente o desenvolvimento e desempenho das Incubadoras no Brasil. Esta pesquisa chamada de Panorama ANPROTEC confronta os dados levantados com a realidade do cenário econômico brasileiro. Assim é realizada uma análise, de forma a verificar a evolução das Incubadoras em números e a contribuição delas para a sociedade e para a economia.

Segundo informação extraída do site da ANPROTEC:

“A coleta dos dados ocorre por meio de um questionário eletrônico enviado às incubadoras e parques brasileiros, associados ou não à ANPROTEC. As informações recebidas são avaliadas estatisticamente e disponibilizadas em gráficos. A última etapa do trabalho consiste na análise dos dados e contextualização, o que resulta numa pesquisa toda comentada por um profissional com vasto conhecimento e experiência na área.”

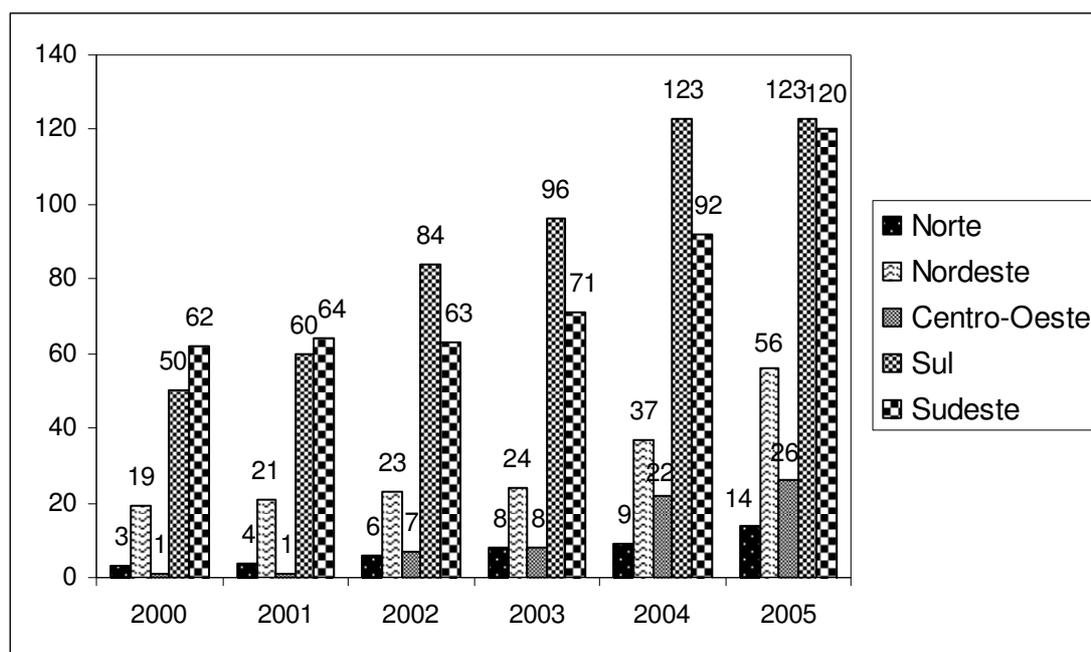
O Panorama é uma pesquisa importante no movimento de incubadoras, já que a cada ano pode-se observar a evolução crescente do setor no Brasil.

Uma das motivações para o crescimento contínuo deste movimento constitui-se no fato das Incubadoras e Parques Tecnológicos funcionarem como eficientes ferramentas de apoio ao desenvolvimento de micro e pequenas empresas, possibilitando maior longevidade e melhor posicionamento no mercado. Com isso, o próprio governo e

órgãos de apoio fomentam esse tipo de projeto, beneficiando a economia de forma concreta e a longo prazo.

Com relação ao crescimento de Incubadoras por região, observando o gráfico 3, percebe-se que a região Sul no ano de 2005 é a que possuía o maior número de Incubadoras, representando 36% do total. Apesar de se observar um crescimento nulo quando comparada ao ano de 2004, é fato o aumento significativo de quase 150% em relação ao ano 2000. A Região Sudeste teve um aumento de 30% em relação ao ano de 2004. Já a região Centro-Oeste foi a que teve o maior crescimento percentual desde 2000, embora, assim como a região Norte, demonstre uma inexpressiva força do movimento.

Gráfico 3: Distribuição do Número de Incubadoras por Região



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

II.2. Cadastro Central de Empresas

Segundo o IBGE, o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) constitui um importante acervo de dados sobre a atividade econômica do país, reunindo informações cadastrais e econômicas provenientes de pesquisas anuais da Instituição nas áreas de

indústria, construção, comércio e serviços, e da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS.

Considerando o conjunto de atividades comerciais segundo o total de pessoas ocupadas, definiram-se quatro faixas de tamanho, de acordo com o CEMPRE, de modo a expressar as micro-empresas (até 9 pessoas ocupadas), as pequenas empresas (de dez até 49 pessoas ocupadas), as médias empresas (de 50 até 99 pessoas ocupadas) e as grandes empresas (com mais de 100 pessoas ocupadas). Segundo as explicações dadas nos periódicos do IBGE, apesar de o Estatuto da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte especificar seus limites de tamanho em valores monetários, alguns estudos fazem referências a estratos de pessoas ocupadas para tratar porte, seguindo, nessas situações, as mesmas definições resumidas em documento recente do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e que são as faixas produzidas nessa avaliação.

Para se ter uma idéia da dimensão da pesquisa realizada anualmente pelo CEMPRE, em 2005, o mesmo foi integrado por mais de 5 milhões de empresas e outras organizações.

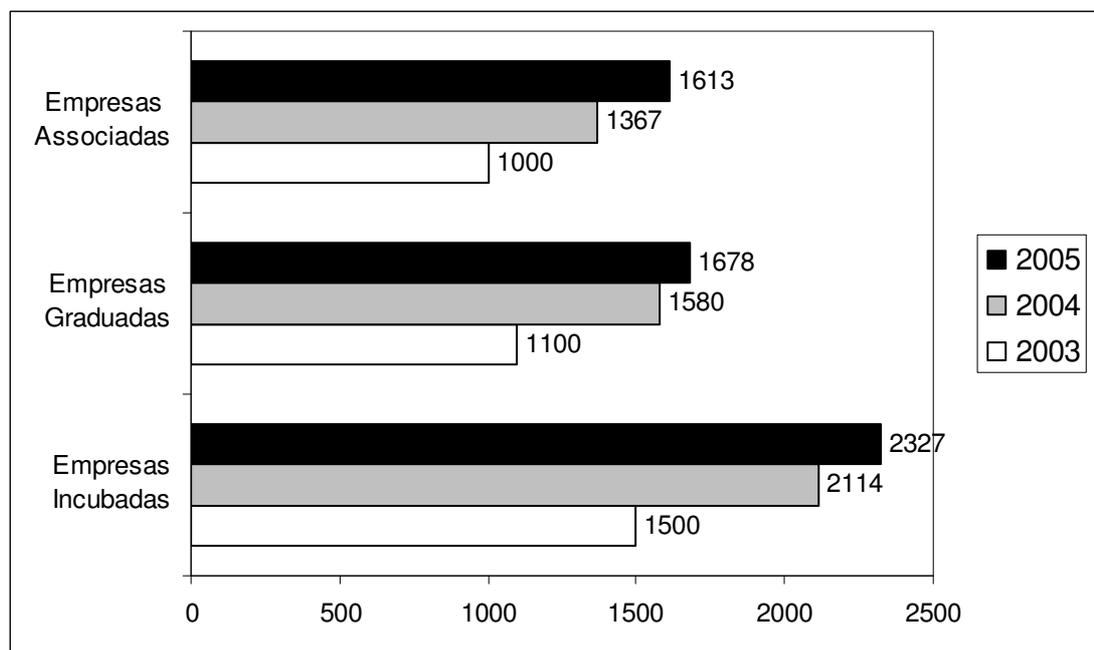
Na seção a seguir, as estatísticas do Cadastro Central de Empresas são comparadas e analisadas com os dados divulgados pelo ANPROTEC.

II.3. Análise e confronto de dados

II.3.1. Número de Empresas

As Incubadoras em operação no Brasil nos anos de 2003, 2004 e 2005, contribuíram para a existência de 3.600, 5.061 e 5.618 empresas, respectivamente.

Gráfico 4: Número de Empresas



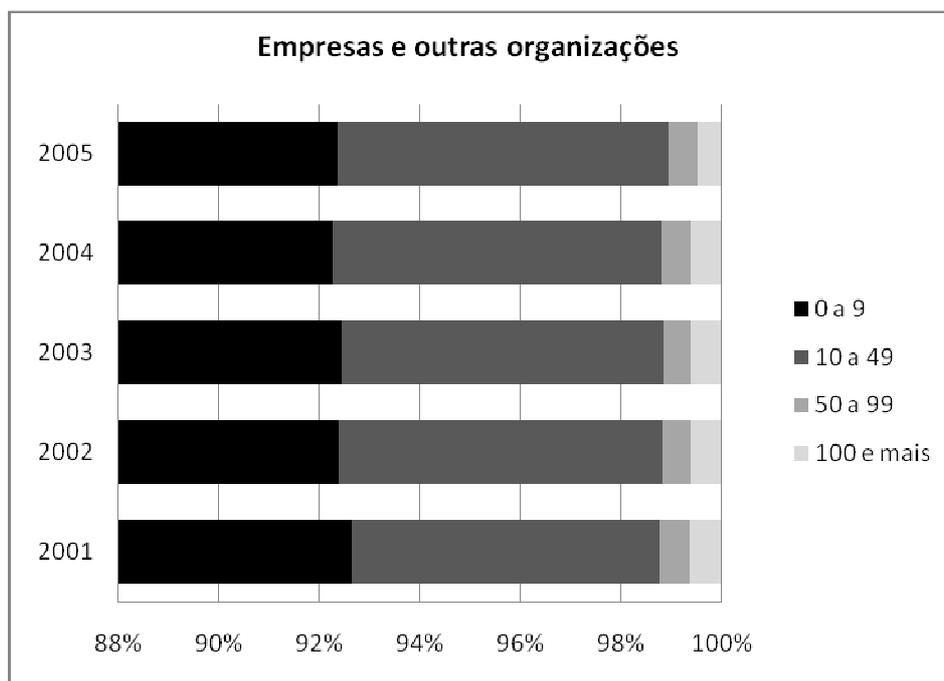
Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Tabela 1 – Número de empresas segundo o porte

Faixa de pessoal ocupado total	2001	2002	2003	2004	2005
0 a 9	4.336.112	4.588.513	4.795.032	4.957.054	4.706.125
10 a 49	287.663	318.524	331.590	351.436	336.056
50 a 99	27.102	27.974	28.618	30.566	28.664
100 e mais	28.948	29.874	30.333	32.235	23.776
Total	4.679.825	4.964.885	5.185.573	5.371.291	5.094.621

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2001 - 2005

Gráfico 5: Número de Empresas por porte



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2001 – 2005

Analisando as informações da ANPROTEC com as disponibilizadas pelo CEMPRE com relação à quantidade de empresas, percebe-se que houve uma redução no número de Micro e Pequenas Empresas no último ano analisado. Enquanto as Incubadoras contribuíram para o desenvolvimento de novas empresas, a quantidade de MPEs diminuiu influenciada pela conjuntura econômica da época.

A próxima seção analisa o nascimento e morte das empresas, segundo dados do IBGE.

II.3.2. Demografia das Empresas

O objetivo de estudar a demografia das empresas, segundo o CEMPRE, é estudar a população de empresas através da quantificação de seus movimentos: nascimentos e mortes.

Através do estudo realizado pelo IBGE de entrada e saída de empresas no mercado, é possível realizar uma análise do movimento demográfico das empresas. Esta

seção discute os dados somente dos anos 2002 e 2004, pois foram os anos dentro do período estudado em que o Instituto divulgou as informações de criações e encerramentos por porte das empresas.

Tabela 2 - Empresas novas, segundo porte

Porte das empresas	2002	2004	Var. Relativa	Var. Absoluta
Total	720.405	716.604	-0,53%	-3.801
0 a 4	675.610	673.279	-0,35%	-2.331
5 a 19	39.866	38.388	-3,71%	-1.478
20 a 99	4.555	4.606	1,12%	51
100 e mais	374	331	-11,50%	-43

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2002 e 2004

Tabela 3 - Empresas mortas, segundo porte

Porte das empresas	2002	2004	Var. Relativa	Var. Absoluta
Total	461.414	529.587	14,77%	68.173
0 a 4	442.296	511.857	15,73%	69.561
5 a 19	16.653	15.665	-5,93%	-988
20 a 99	2.150	1.828	-14,98%	-322
100 e mais	315	237	-24,76%	-78

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2002 e 2004

Observando as tabelas acima é possível concluir que no ano de 2004 em comparação a 2002, o número de novas empresas reduziu 0,53% porém, a mortalidade destas aumentou quase 15%.

Os dados das tabelas mostram que, quanto menor o porte das empresas, maiores suas taxas de natalidade e mortalidade. Cerca de 94% das empresas criadas em 2002 e 2004 ocupavam até 4 pessoas. Em 2002, do total de 720.405 das empresas criadas, 675.610 estavam nesta faixa. Ao mesmo tempo, do total de 461.414 empresas que foram fechadas, 442.296 pertenciam a este grupo. Já em 2004, do total de 716.604 das empresas criadas, ocupavam a faixa mencionada 673.279 e 511.857 das microempresas foram mortas, de um total de 529.587 empresas que encerraram suas atividades.

A análise também revela que para cada 10 novas empresas criadas no país em 2002, 7,4 foram fechadas e, em 2004, a cada 10 empresas criadas, 6,4 morreram. Isto comprova a falta de planejamento e conhecimento para enfrentar os diversos riscos para a criação de uma empresa. Como já mencionado e discutido nesta monografia, as Incubadoras de empresas ajudam na criação e desenvolvimento destas, minimizando os riscos e maximizando os resultados.

Conclui-se que no período analisado o número total de micro e pequenas empresas brasileiras reduziu, isto é, menos empresas sobreviveram em 2004 que em 2002.

II.3.3. Emprego e Renda

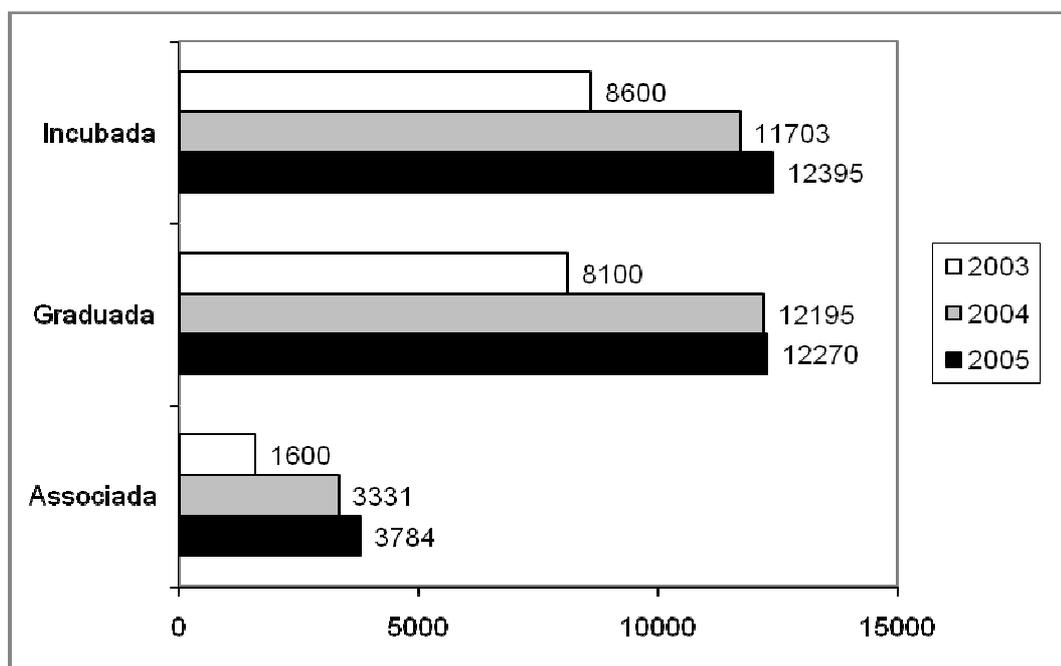
Com o objetivo de dar mais sustentação à pesquisa, um estudo comparativo de dados é realizado nesta seção. Confrontam-se os dados obtidos na pesquisa anual realizada pela ANPROTEC com as informações do periódico “Estatísticas do Cadastro Central de Empresas” divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. As estatísticas divulgadas pelo IBGE são reunidas pelo Cadastro Central de Empresas do próprio órgão, com dados de pessoal ocupado e salários pagos.

Os dados da ANPROTEC foram retirados do site da organização - pesquisas divulgadas nos anos de 2000 a 2005. Com relação aos dados do CEMPRE, foram priorizadas as informações sobre as micro e pequenas empresas. Para esta monografia, foram analisados os periódicos do CEMPRE de 2001 a 2005.

Como já mencionado, as Incubadoras têm como uma de suas características a contribuição para o desenvolvimento sócio-econômico da região em que estão instaladas, geração de empregos, renda e diversificação da economia local.

Em 2005 foram criados 28.449 postos de trabalho, segundo dados da ANPROTEC. O crescimento foi de 4,5% em relação a 2004, onde foram criados 27.229 novos empregos e 55,5% em relação a 2003, onde surgiram 18.300 oportunidades. O benefício social destes empregos é amplificado pelo fato de serem caracterizados por uma maior remuneração.

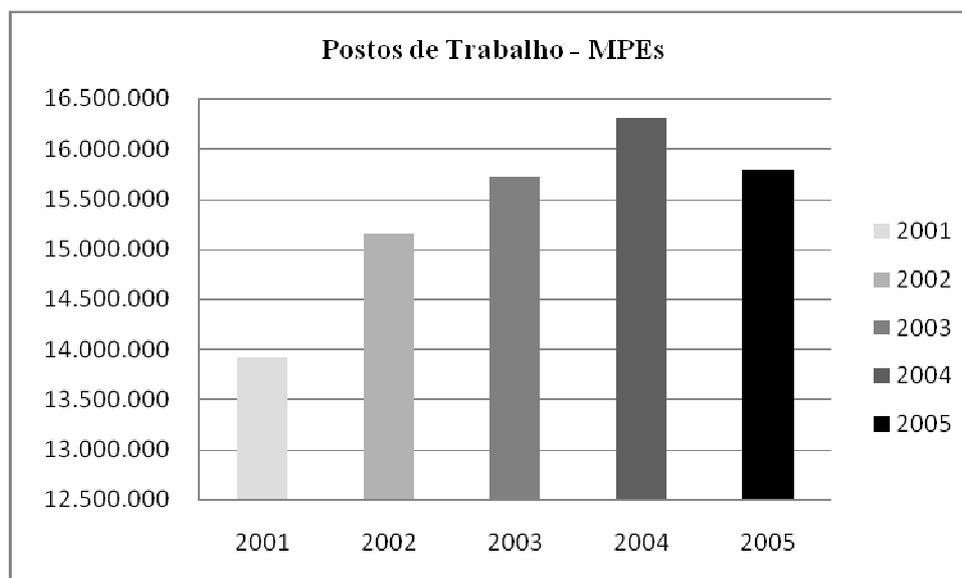
Gráfico 6: Número de Postos de Trabalho Gerados no ambiente de incubação



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Entretanto, quando comparados os dados acima com a criação de novos empregos nas micro e pequenas empresas, verifica-se que a tendência seguida no ambiente destas não é o mesmo das Incubadoras. Com relação ao ano 2003, o crescimento foi nulo e, em 2005, a quantidade de pessoal ocupado nas MPEs, segundo o CEMPRE, reduziu 3% quando comparado ao ano anterior, muito em função da desaceleração econômica enfrentada no ano 2005, como veremos ao final desta seção.

Gráfico 7: % de empregados por setor



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2001 – 2005

Vale ressaltar a característica dos novos postos de trabalho proporcionados pelas MPEs, isto é, cerca de 97% são proprietários e somente 3 % são assalariados.

Segundo o relatório *Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa*, divulgado recentemente e realizado pelo SEBRAE em parceria com o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), a distribuição de empregados nas MPEs por setor de atividade representava:

Tabela 4 - % de empregados por setor

Ano	Comércio	Serviço	Indústria	Construção
2002	39,5	33,9	20,9	5,6
2003	40,3	33,9	20,7	5,1
2004	40,9	33,5	20,7	5
2005	41,4	33,3	20,6	4,8

Fonte: TEM. Rais / Elaboração: DIEESE

Ainda segundo o DIEESE, a maior concentração de empregos oferecidos pelas MPEs está nos municípios da região Sul, detentora de 81,3% das vagas de trabalho. Em segundo lugar está a região Sudeste, com 64,7, seguida pelo Nordeste, com 50,4% dos empregos oferecidos por empresas de pequeno porte.

O Brasil gerou, em 2005, um total de 7.009 milhões de novos postos de trabalho, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), conforme destacado na tabela 5. O total de empregos criados em 2005 representou um crescimento de 5,82% no número de empregados com vínculo formal na comparação com 2004 e 26,72% na comparação com o ano 2000.

Entretanto, segundo a Fundação CIDE (Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro), o cenário não se confirmou no Estado do Rio de Janeiro. O número de admitidos cresceu no ano de 2005 aproximadamente 9%, entretanto, quando comparado ao ano 2000, a queda no número de empregos representou 1,7%. A queda pode parecer pequena, entretanto, também ocorreu em 2001, 2002 e 2003, chegando há um pouco mais de 10% em 2002.

O número de postos de trabalho criado pelo processo de incubação nos anos de 2003, 2004 e 2005 cresceu quando comparados ao ano anterior. Entretanto, este crescimento em menor escala, seguiu apenas a tendência do aumento no número de empregos formais na economia brasileira como um todo no mesmo período. Por exemplo, no ano de 2003, o crescimento percentual de novos postos de trabalho gerados pelas Incubadoras foi de 4,5% enquanto que o Brasil, no mesmo ano, apresentou uma evolução de 5,8% na geração de novos empregos. Como já mencionado, a mesma tendência não se confirmou nas Micro e Pequenas Empresas.

Tabela 5 - Postos de trabalho gerados no Brasil

	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Setor	Total	Total	Total	Total	Total	Total
Total	26.228.629	27.189.614	28.683.913	29.544.927	31.407.576	33.238.617
Extrativa Mineral	109.608	117.659	122.801	122.806	140.519	147.560
Indústria de Transformação	4.885.361	4.976.462	5.209.774	5.356.159	5.926.857	6.133.461
Serviços Industriais de Utilidade Pública	290.352	296.811	310.366	319.068	327.708	341.991
Construção Civil	1.094.528	1.132.955	1.106.350	1.048.251	1.118.570	1.245.395
Comércio	4.251.762	4.487.004	4.826.533	5.119.479	5.587.263	6.005.189
Serviços	8.640.455	8.773.810	9.182.552	9.378.566	9.901.216	10.510.762
Administração Pública	5.882.565	6.319.189	6.787.302	6.991.973	7.099.804	7.543.939
Agropecuária	1.072.271	1.085.724	1.138.235	1.207.672	1.305.639	1.310.320
Outros	1.727	-	-	953	-	-

Fonte: CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados)

Observando a tabela 6 pode-se concluir que o aumento do emprego eleva ganhos salariais. O rendimento médio dos assalariados em 2005 passou de R\$ 1.058,63 para R\$ 1.135,85 em 2004, apresentando um crescimento de 7,3%. Já em relação ao ano 2000, observou-se um crescimento de 48,18%, passando de uma remuneração média de R\$ 766,5 para R\$ 1.135,85.

Tabela 6 – Remuneração (em R\$)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Região	Total	Total	Total	Total	Total	Total
Total	766,5	829,9	885,39	985,3	1.058,63	1.135,85
Norte	700,2	734	797,1	866,63	933,69	1.008,29
Nordeste	549,4	584,9	625,7	703,64	759,2	835,33
Sudeste	853,1	922	981,23	1.091,18	1.163,43	1.240,57
Sul	693,7	748,2	805,4	916,89	987,51	1.061,83
Centro-Oeste	835,2	965,2	1.028,41	1.121,13	1.252,65	1.349,44

Fonte: CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados)

Quando se comparam as empresas por porte, analisando os salários, de acordo com o CEMPRE, nota-se que as micro e pequenas empresas, apesar de totalizarem, em média no período de 2001 a 2005, mais de 90% do total do número de empresas do país (tabela 1), têm pequena participação no montante de salário e outras remunerações, como informado na tabela 7.

Tabela 7 – % Salarial por porte

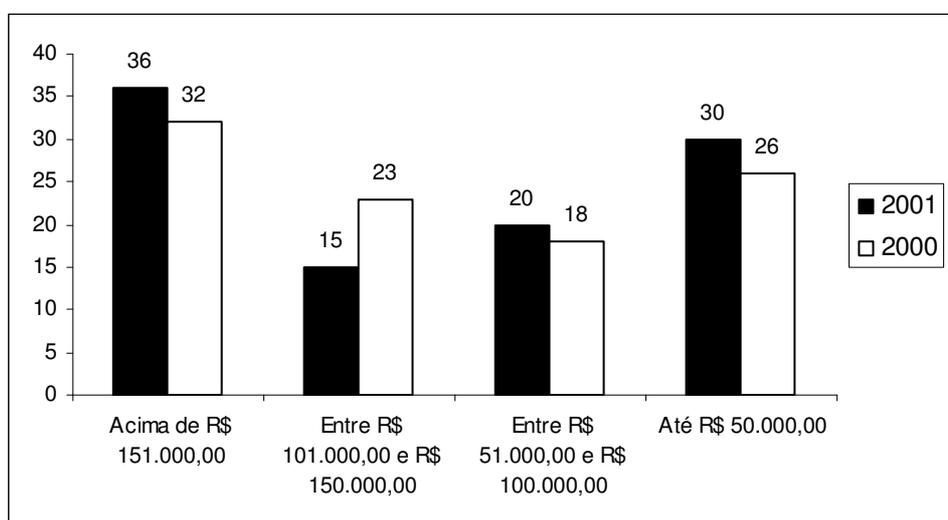
% Salarial	2001	2002	2003	2004	2005
Micro e pequenas empresas	54	13	19	19	25
Médias empresas	8	4	13	12	7
Grandes empresas	38	83	68	69	68

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2001 - 2005

O percentual salarial de 2002 a 2005 das empresas de pequeno porte representou apenas 20% das empresas brasileiras, sendo que em 2005 existiam mais de 5 milhões de MPEs.

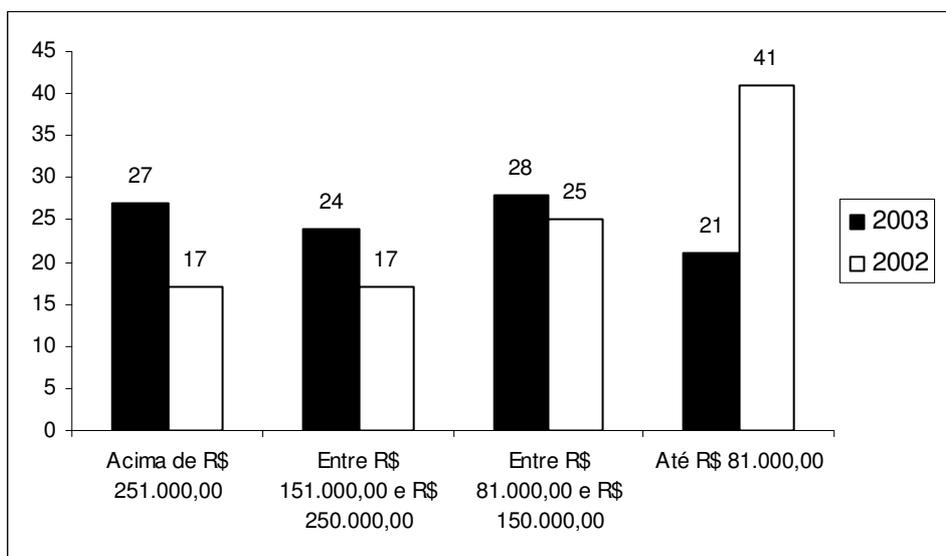
Nos últimos anos, segundo o “Panorama ANPROTEC 2005,” as Incubadoras têm procurado cada vez mais independência financeira, sendo que 17% delas cobrem 31% dos custos operacionais com recursos próprios. Apesar disso, ainda existe uma grande dependência das entidades gestoras (ex: COPPE). Entidades como SEBRAE, FINEP, CNPq, dentre outras, também são importantes no custeio das Incubadoras. Muitas entidades que contribuem com as Incubadoras são destinadas ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país.

Gráfico 8: Custo Operacional Anual das Incubadoras (2000 e 2001)



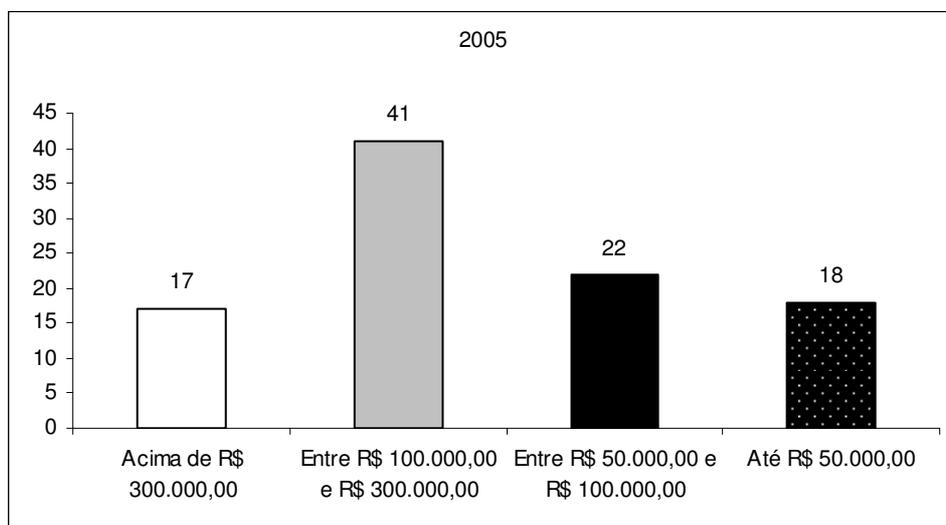
Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Gráfico 9: Custo Operacional Anual das Incubadoras (2002 e 2003)



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Gráfico 10: Custo Operacional Anual das Incubadoras (2005)



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

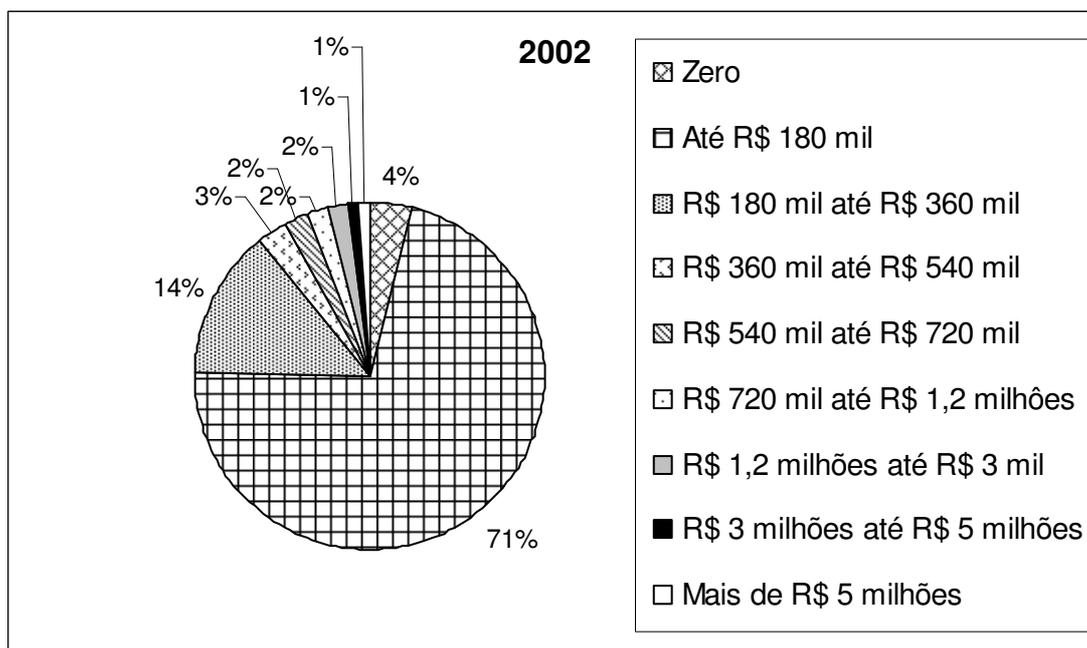
Apesar de alguma independência financeira, muitas empresas ainda recorrem ao financiamento. A aquisição do financiamento pode significar um entrave quando a empresa ainda é incubada.

O fato de a empresa ser incubada é interpretado de duas formas pelos credores privados e públicos. O primeiro entendimento aponta para o fato de não possuírem estabelecimento próprio, fazendo com que as empresas incubadas ofereçam maior risco, já que as garantias são mais limitadas. Já no segundo entendimento, há uma percepção de maior credibilidade e seriedade pelo fato das empresas estarem inseridas em um ambiente de contínuo aprendizado e aperfeiçoamento, além de possuírem o respaldo de professores e técnicos altamente qualificados e especializados, que oferecem contínuo suporte à organização.

Isto ocorre porque, como já comentado, a taxa de mortalidade de empresas incubadas é menor que empresas que não passaram pelo processo de incubação. Além do mais, são crescentes os projetos dos governos e de instituições públicas direcionadas às empresas incubadas devido a sua importância no desenvolvimento regional, representando uma emissão relevante de recursos para estas empresas.

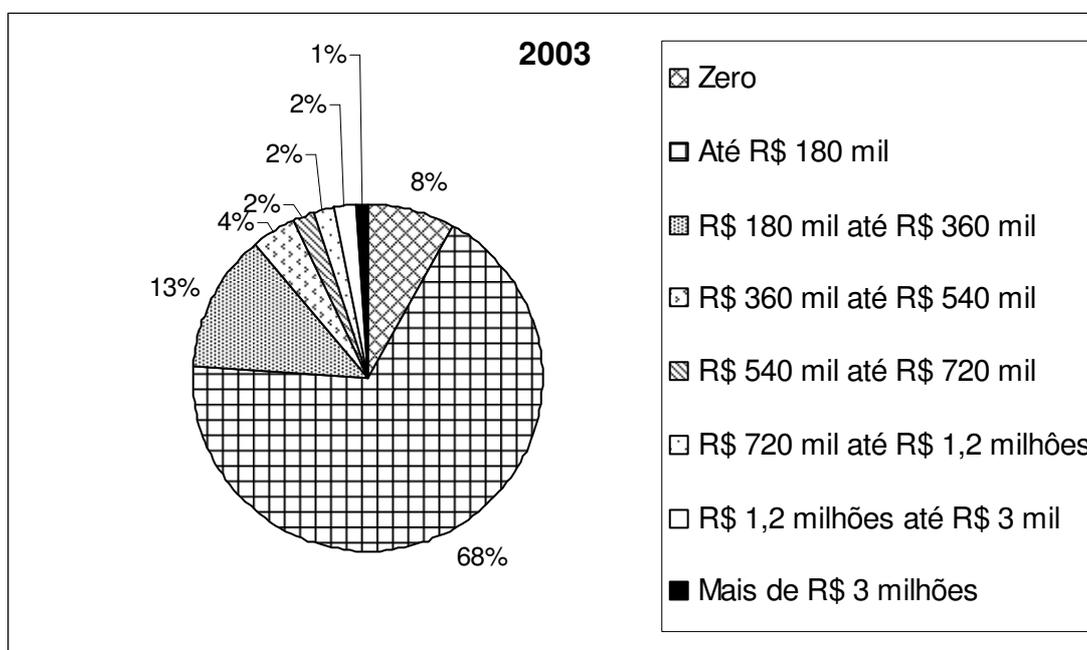
O movimento de Incubadoras possui uma influência bastante expressiva na economia brasileira, e as empresas (graduadas e incubadas) faturaram cerca de R\$ 1,8 bilhão em 2005, contra 1,5 bilhão em 2004 (considerando o faturamento global das empresas que responderam a pesquisa da ANPROTEC).

Gráfico 11: Faturamento Anual das Incubadoras (2002)



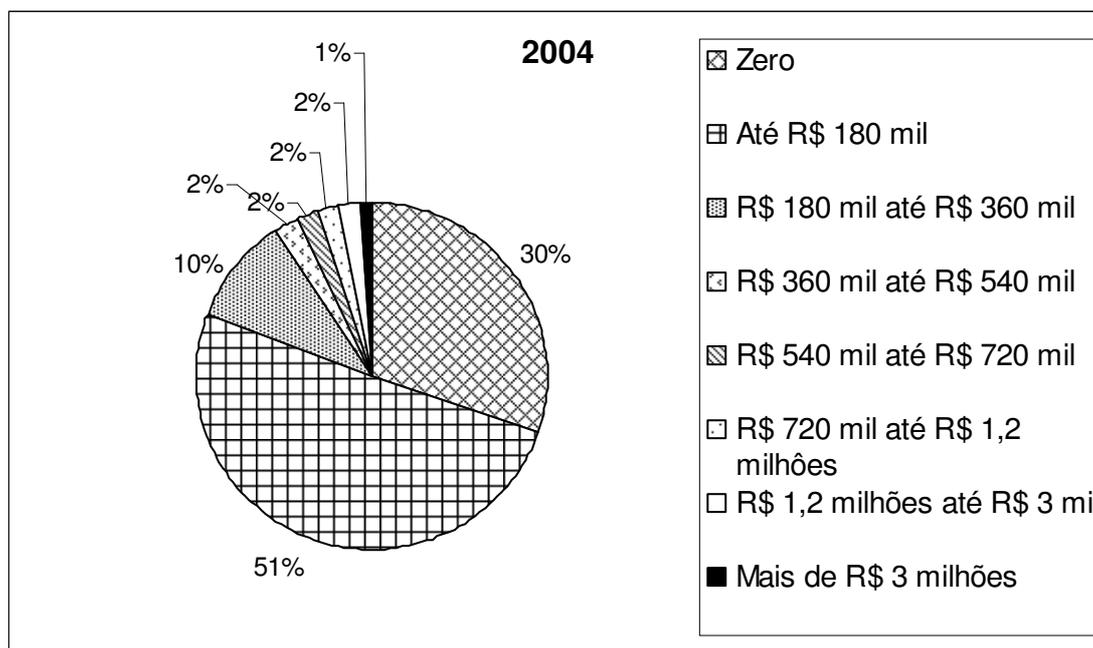
Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Gráfico 12: Faturamento Anual das Incubadoras (2003)



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

Gráfico 13: Faturamento Anual das Incubadoras (2004)



Fonte: Panorama ANPROTEC (2000-2005)

As pequenas empresas contribuem cada vez mais para a criação e melhor distribuição da renda. Em 2004, segundo o SEBRAE, esse segmento representava cerca de 25% do Produto Interno Produto (PIB) do país.

O faturamento das empresas incubadas e graduadas cresceu 20% em 2005 em relação a 2004. Esse aumento expressa não somente a conjuntura brasileira no período de 2005 como também a relevância do segmento de Incubadoras no PIB brasileiro. Em 2001, o Produto Interno Bruto cresceu 1,3%. O ano de 2002 registrou uma taxa de crescimento da economia da ordem de 2,7%, enquanto que em 2003, o crescimento foi de 1,1%, atingindo o montante de 1,7 trilhão, em valores correntes daquele ano. Refletindo a faceta conjuntural, em 2004 a taxa foi de 5,7% e 3,2% em 2005.

A tabela 8 retrata a evolução do PIB brasileiro:

Tabela 8 - Crescimento econômico (PIB)

Período	Var. % Real
2000	4,3
2001	1,3
2002	2,7
2003	1,1
2004	5,7
2005	3,2

Fonte: Banco Central

O ano 2000 foi caracterizado pelo crescimento da taxa de atividade econômica. Em 2001 o início da desaceleração econômica esteve associado à crise de energia elétrica e à volatilidade dos mercados externos, representados pela crise Argentina e pelos atentados terroristas que se sucederam contra os EUA. A indicação da vitória nas eleições presidenciais do Brasil do candidato da oposição Luís Inácio Lula da Silva e o ataque americano ao Iraque foram, em 2002, os principais motivos que prejudicaram o crescimento econômico. No ano de 2003, políticas fiscais e monetárias restritivas foram adotadas pelo governo, em função da instabilidade dos preços e as expectativas em torno da taxa de câmbio. A redução da taxa de juros pelo Banco Central em 2004, o ambiente internacional favorável e o contínuo crescimento do saldo da balança comercial, muito em função do aumento das exportações, levaram à valorização do real e a estabilidade da inflação. Tais efeitos propiciaram a retomada do crescimento do Produto Interno Bruto. Entretanto, apesar desta recuperação em 2004, a economia no ano de 2005 voltou a enfrentar uma desaceleração, muito em função do aumento da taxa de juros (SELIC).

A análise da realidade econômica brasileira e seus principais acontecimentos no período e a análise dos dados acima demonstram o retorno que o investimento na criação e a consolidação das Incubadoras trás para a região e conseqüentemente, para o Brasil, isto é, a criação e o desenvolvimento de pequenas empresas tornam-se fundamentais para o crescimento econômico de uma região, e o estímulo à tecnologia. As micro e pequenas empresas são um dos principais pilares de sustentação da economia brasileira, seja pela sua grande capacidade geradora de empregos, seja pela potencialidade de geração de renda no país.

“A cultura no Brasil é a do empreendedor espontâneo. Este está onipresente. Ele só precisa de estímulo, como uma flor precisa do sol e de um pouco de água para brotar na primavera. O Brasil está sentado em cima de uma das maiores riquezas naturais do mundo, ainda relativamente pouco explorada: o potencial empreendedor dos brasileiros. Creio que o Brasil é atualmente um dos países onde poderia haver grande explosão empreendedora” (Filion apud Souza 2005, p. XVII).

CONCLUSÃO

Esta monografia buscou discutir a natureza das Incubadoras de empresas, organizações que têm sido implementadas e difundidas – tanto em países desenvolvidos quanto em países subdesenvolvidos - visando contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico local e da nação, assim como as políticas industrial e de ciência e tecnologia.

Foi feita uma abordagem histórica e conceitual discutindo a essência das Incubadoras de empresas por diferentes autores, com destaque nas visões de Pereira e Pereira, que dentre as bibliografias pesquisadas mostrou ser a mais rica em informações e clareza de argumentos. O “nascimento” e a evolução histórica das Incubadoras no Brasil e no mundo também foram destacados no Capítulo 1, assim como a necessidade de se planejar uma Incubadora e as vantagens de implantá-la.

É relevante citar novamente a importância da segurança do ambiente de incubação, que como dito é de grande relevância para a redução da taxa de mortalidade das empresas nos primeiros anos de vida, isto é, para a real sobrevivência das empresas.

No cenário da inovação, as Incubadoras de empresas têm desempenhado um papel cada vez mais importante, reunindo esforços com o objetivo de promover a criação de um ambiente econômico ativo e que favoreça a sustentabilidade e a competitividade deste segmento sócio-econômico.

A conjuntura econômica e social discutida com foco nos indicadores emprego e renda demonstrou os resultados esperados, apontando o impacto, ou melhor, a contribuição das Incubadoras de empresas para a geração de novos postos de trabalho e o aumento da renda. Os ganhos gerados pelas Incubadoras e, até mesmo, considerando uma visão mais ampla, pelas micro e pequenas empresas, foram confrontados com os dados do cenário econômico brasileiro como um todo.

Ficou claro que as Incubadoras de empresa contribuem expressivamente para o desenvolvimento da renda e para a criação de novos empregos, e, inclusive, são responsáveis pelo aumento de empregados com carteira assinada. A maioria dos

empregados possui alto grau de qualificação, colaborando para o desenvolvimento técnico e tecnológico.

Com relação à empregabilidade foi observado que o trabalho nas Incubadoras acompanhou a tendência de crescimento do número de postos de trabalho na economia brasileira. O aumento do trabalho formal pode ajudar a reduzir o déficit da previdência e a elevar os ganhos salariais.

O nível geral da renda também foi influenciado pelas atividades das Incubadoras, seguindo a tendência econômica de crescimento. O faturamento das empresas incubadas despontou no período analisado.

Para que este estudo pudesse ser realizado alguns autores e instituições foram pesquisados, entretanto, dois pontos podem ser destacados como limitações ao desenvolvimento deste trabalho: a falta de dados recentes (alguns dados fornecidos por alguns institutos e organizações são da década de 90) e a falta de estudos, pesquisas e relatórios sobre o movimento das Incubadoras de empresa no Brasil, que pode ser justificado por ser uma atividade recente no país.

Em função dos obstáculos ao melhor desempenho desta monografia e com o objetivo de apoiar a literatura e o movimento de incubação no Brasil e contribuir para um melhor entendimento das políticas industrial, tecnológica e de desenvolvimento regional, recomenda-se discutir mais especificamente o caso brasileiro e se aprofundar na relação universidade-empresa, que é de suma importância para a amplitude tecnológica e é considerada elemento estratégico para que o país participe, com sucesso, de uma economia globalizada e altamente competitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, José Alberto Sampaio, et al. **Modelo de Gestão para Incubadoras de Empresas**: implementação do modelo. Rio de Janeiro: ReINC, 2002. 116 p.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES. **Panorama das Incubadoras e Parques Tecnológicos**. Apresenta pesquisas anuais sobre o movimento de incubação no Brasil, elaboradas pela ANPROTEC em parceria com o SEBRAE. Disponível em: <<http://www.anprotec.org.br/panorama.htm>>. Acesso em: 28 setembro 2005.

CAULLIRAUX, Heitor Mansur (coord.). **Modelo de Gestão para Incubadoras de Empresas**: uma estrutura de indicadores de desempenho. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais Ltda., 2001. 96 p.

CEMPRE. **Cadastro Central de Empresas**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 dezembro 2008

CIDE. **Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.cide.rj.gov.br/>>. Acesso em 18 novembro 2008.

DORION, Eric; CHALELA, L.R. **As Incubadoras de Empresas**: habitats de empreendedorismo ou de inovação sustentável? Disponível em: <<http://www.redetec.org.br/>>. Acesso em 23 novembro 2008.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 dezembro 2008.

LAHORGUE, Maria Alice. **Pólos, Parques e Incubadoras**: instrumentos de desenvolvimento do século XXI. Brasília: ANPROTEC/ SEBRAE, 2004. 256 p.

LEONEL, S.G.; Cheng. L. C.; SILVA Jr., D.C.; DRUMMOND, P.H.F. **Uma Forma de Agregar a Voz dos Clientes nas Etapas Iniciais de Criação de**

uma Empresa de Base Tecnológica (EBT) de Origem Acadêmica. In: XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. ANPAD: Gramado, 2006.

MEDEIROS, José Adelino; ATAS, Lucília. **Condomínio e Incubadoras de Empresas:** guia das instituições de apoio. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1996.

MEDEIROS, José Adelino, et al. **Pólos, Parques e Incubadoras:** a busca da modernização e competitividade. Brasília: CNPq, IBICT, SENAI, 1992. 312 p.

MEEDER, Robert. **Forging in the incubator:** how to design and implement a feasibility study for business incubation program. Athens: NBIA Publications, 1993.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.** Apresenta indicadores de emprego no país. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 30 agosto 2005.

PEREIRA, Edson Gonçalves; PEREIRA, Tânia Gonçalves. **Planejamento e implantação de incubadoras de empresas.** Brasília: ANPROTEC/ SEBRAE, 2002. 88 p.

RAIS. **Relação Anual de Informações Sociais.** Disponível em: <<http://www.rais.gov.br/>>. Acesso em: 30 setembro 2008.

REDEINCUBAR. **Movimento das Incubadoras.** Disponível em: <<http://redeincubar.anprotec.org.br:8280/portal/montarPaginaPortal.do?id=7>>. Acesso em: 30 setembro 2005.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Incubadoras de Empresas.** Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/incubadorasdeempresas.asp>>. Acesso em: 28 setembro 2005.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.
Programa SEBRAE de Incubadoras de Empresas. Brasília: SEBRAE, 2001.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.
Fatores Condicionantes e Taxas de Sobrevivência e Mortalidade das Micro e Pequenas Empresas no Brasil (2003-2005). Brasília: SEBRAE, 2007.

SOARES, Ana Paula Macedo. **Incubadoras de Empresas.** Disponível em:
<<http://federativo.bndes.gov.br/dicas/D101.htm>>. Acesso em: 28 setembro 2005.

SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES, Tomás de Aquino [org.].
Empreendedorismo além do plano de negócio. São Paulo: Atlas, 2005.

UNIDO. **United Nations Industrial Development Organization.** Disponível em:
<<http://www.unido.org>>. Acesso em 15 outubro 2008.

VENDOVELLO, Conceição; PUGA, Fernando Pimentel; FELIX, Mariana.
Criação de Infra-Estruturas Tecnológicas: A Experiência Brasileira de Incubadoras de Empresas. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 183-214, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/revista/rev1606.pdf>>. Acesso em: 29 setembro 2005.

VENDOVELLO, Conceição. Aspectos Relevantes de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 273-300, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/revista/rev1410.pdf>>. Acesso em: 21 outubro 2008.